

C JORNAL DE CIÊNCIA E FÉ

www.cienciaefe.org.br

NOVEMBRO 2004 ANO 6 - Nº 66

Mestres de Humanidade

Evaristo Eduardo de Miranda

Quando deres um festim,
convida pobres, aleijados,
coxos e cegos. (Lc 14,13)



carentes. Durante toda a vida continuamos frágeis. Ninguém vive num refúgio onde não possa ocorrer uma enfermidade, um acidente ou simplesmente um cansaço. Se uma morte repentina ou acidental não colher a vida do jovem ou adulto, a entrada na velhice é uma experiência certa de portar-se sucessivos limites e ampliadas deficiências e fragilidades. "Os membros do corpo que parecem os mais fracos são necessários e devem ser os mais honrados" (1Cor 12, 22-25).

Negar a presença da fragilidade na vida humana é negar a realidade da morte. As deficiências e fraquezas sempre lembram a última despossessão, a mais absoluta de todas: a morte. Numa sociedade de super-homens, as pessoas não aceitam a fragilidade, a fraqueza e a deficiência. Irritam-se com o choro das crianças, ficam irados com a surdez ou a dependência dos idosos e repudiam um epilético e suas crises. A fragilidade do outro e de cada um deveria ser uma fonte de compaixão. Quando alguém é rejeitado por sua fraqueza pode tornar-se deprimido e confuso. Quando alguém é aceito, apreciado, escutado e amado por suas fraquezas, estas convertem-se em fonte de paz e alegria. A compaixão pode ser, ao contrário da rejeição e do preconceito, uma fonte real de crescimento e bem estar para os mais pequeninos¹.

A fraqueza não ilude. A ilusão está no desejo de ser forte e poderoso, rejeitando as realidades da fragilidade e da morte na vida de cada um.

1- Marie-Hélène Mathieu. Dieu m'aime comme je suis. Saint Paul, Versailles, 1998

2- Jean Vanier. Accueillir notre humanité. Presses de la Renaissance, Paris, 1999.

> CONTINUA NA PÁG 2

Seis anos, com avaliações

O Jornal de Ciência e Fé entra, com esta edição, no seu sexto ano de existência, de circulação ininterrupta. A longa jornada tem sido árdua, a proposta é inovadora, como a do próprio ICFÉ, cujos trabalhos e objetivos a publicação procura refletir.

Ao chegar ao sexto ano, o Jornal de Ciência e Fé contabiliza saldos animadores, por um lado, e vê ampliados os desafios que naturalmente irão marcar iniciativas como a nossa. Dentre os muitos incentivos para a jornada, há a presença do periódico em diversas livrarias de Curitiba e também do interior do Paraná, sem falar em centros universitários como a FAE Business School, o Departamento de Genética da UFRP, o campus Prado Velho da PUC-PR e Faculdade Evangélica do

Paraná e faculdades diversas. E os alunos do Colégio Medianeira de Curitiba, três mil, passam a receber, em salas de aula, o Jornal de Ciência e Fé, numa parceria de ampla visão, iniciativa própria do espírito jesuítico. Há também os associados, simpatizantes e assinantes - que recebem o Jornal de Ciência e Fé pelo correio.

O sexto aniversário do jornal chega também com novos anunciantes, na verdade, apoiadores imprescindíveis. Um deles, a Faculdade Evangélica do Paraná.

E tem sido graças à contribuição de pessoas físicas e instituições comunitárias que o jornal se afirma como veículo difusor de idéias novas, espaço de diálogo. Neste sentido de apoio irrestrito, há que se

registrar o voto de confiança depositado, desde nosso início, pelo advogado Luiz Fernando de Queiroz e sua esposa, Elin, dirigentes da Associação de Condomínios Garantidos do Brasil. Na relação de anunciantes, o que dá suporte à tiragem e circulação do jornal, há a Prefeitura de Curitiba e, agora, a Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado do Paraná.

Na celebração do sexto aniversário, nada mais apropriado do que o que fazemos neste número: edição ampliada, de 12 páginas, e um amplo espectro de artigos e informativos centrados no espírito do Ciência e Fé.

Aroldo Murá G. Haygart



Utilidade Pública Municipal
(Lei 9.025, de 31 de março de 1997).
Utilidade Pública Estadual
(Lei 11.614, de 26 de novembro de 1996)

**Evangélica
examina ensino
da saúde**

Página 8

**Bush: uma nova
idade média?**

Página 7

**WebZine,
nova coluna**

Páginas 8

**Um novo nome
para a paz**

Páginas 5



Mestres de Humanidade

Evaristo Eduardo de Miranda

Para o cristianismo, ser humano equivale a aceitar a coabitação em cada um da força e fraqueza, da saúde e doença, da perfeição e imperfeição, da vida e morte. Os deficientes são eficientes. O clamor e a confiança de seus corações são capazes de abrir corações totalmente fechados e mudar vidas. Os mais fracos suscitam potências de amor escondidas no coração dos poderosos. Para Mahatma Gandhi, "a vida é somente vida quando existe o amor". A imagem socialmente aceita do ser humano ideal é um mito: uma pessoa autônoma, eficaz e competente (se possível rica e bela). A sociedade deveria definir-se como um lugar onde leva-se em conta as necessidades de todos os seus membros, sem exceção e onde reconhece-se os dons de cada um. Esse é o sentido da civilidade e da civilização, como nas palavras do papa

"O ser humano ideal é um mito"

João Paulo II: "A qualidade de uma sociedade ou de uma civilização não se mede pela sua riqueza, nem pela sua eficiência, mas pelo respeito que ela manifesta com relação ao mais pequeninos". Sem ouvir e acolher os deficientes, a sociedade não é capaz de usufruir de sua sabedoria escondida, de seu perfume, fora das normas. E eles são mestres de humanidade.

A tradição espiritual judaica e cristã mostra caminhos para descoberta de uma humanidade comum e escondida em todas as pessoas, muito além das diferenças, consideradas por alguns como ameaçadoras ou perigosas. Os frágeis e deficientes trazem insegurança e ajudam os humanos a descobrir suas feridas, seus limites e sua humanidade comum. Quem aceita suas fraquezas e limites, vive na insegurança. Essa insegurança gera uma disponibilidade para conhecer novos espaços e realidades. Ela retira do isolamento, do alcance das seitas, do sectarismo e da ilusão da onipotência e da onisciência. Passa-se a pertencer a uma comunidade, sem exclusão possível, um sentimento tão forte no judaísmo e nos judeus (Is 58,6-7)

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA. *Diretor do Instituto Ciência e Fé, ministro das exéquias, Doutor em Ecologia, pesquisador da Embrapa, autor do livro "A sacralidade das águas corporais" pelas Edições Loyola, entre outros, com obras editadas na França e na Itália.*